

FLORESTA AMAZÔNICA

Biólogo explica teoria pessimista de devastação

WILLIAM REAFIRMOU OS NÚMEROS DA PESQUISA: O PESSIMISTA DIZ QUE 42% DA REGIÃO SERIAM DESTRUÍDOS ATÉ 2020 E O OTIMISTA QUE A TAXA CAIRIA PARA 25%

DA REDAÇÃO E AGÊNCIA ESTADO

O biólogo William Laurence, do Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais (PDBFF) do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e Smithsonian Institute, fez uma palestra ontem, no auditório do Inpa, para tentar esclarecer a polêmica envolvendo o artigo publicado na prestigiada revista "Science", na última sexta-feira. O estudo aponta dois cenários para a floresta

amazônica com a implantação do projeto Avança Brasil, do Governo Federal. O cenário pessimista indica que cerca de 42% da floresta estará destruída até 2020; já no otimista, a taxa cairia para 25%, o que também é preocupante.

Laurence ressaltou o apoio dos outros sete pesquisadores responsáveis pelo trabalho e garantiu que o Inpa sempre esteve presente na pesquisa, embora o trabalho tenha acontecido quase que de forma independente. "Em todos os momentos, no entanto, recebemos apoio estrutural da instituição", garantiu.

Na palestra de ontem, William Laurence abordou ainda o histórico do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores, assim como a conclusão de cada uma de suas fases. Segundo ele, a equipe começou a trabalhar há, aproximadamente, 14 meses, e as análises foram concluídas no Amazonas e na Universidade de Michi-

gan, nos Estados Unidos.

Quanto à polêmica causada pela divulgação de parte do resultado da pesquisa, William Laurence disse que houve uma certa precipitação da opinião pública. Ele acrescentou que existem, na verdade, dois resultados. "Foram dois modelos de resultado. Em um deles, menos otimista, a floresta seria 42% destruída até 2020. No outro, esse porcentual cai para 25%. O que não deixa de ser também preocupante", acrescenta.

Para o biólogo, o que mais afeta as florestas tropicais é a abertura de estradas. "Isso é facilmente confirmado ao vermos o estrago que é feito ao longo das estradas. A taxa de desmatamento aumenta consideravelmente", explica. Laurence esclareceu que os dados da pesquisa foram coletados por meio de pesquisa sobre os aspectos ecológicos da Amazônia, assim como distribuição e cobertura da floresta e as áreas afetadas

pelo desmatamento. Outro ponto levado em consideração foi a vulnerabilidade da mata, exposta a riscos constantes de incêndios e da exploração criminosa das madeireiras clandestinas.

Estas informações foram colocadas em um banco de dados e enviadas para a Universidade de Michigan, onde foi realizada a análise histórica do efeito das estradas e rios no desmatamento. Ainda segundo Laurence, o Governo Federal tem conhecimento dos estudos que estão em andamento. "O que estamos fazendo é iniciar uma discussão, provocar uma polêmica, para alertar todos os segmentos da sociedade. Nossa intenção é fazer com que cada brasileiro se sinta envolvido no processo de preservação do meio ambiente. E se alguns membros do Governo não concordam com os resultados da nossa pesquisa é porque eles evitam ouvir o que a eles não interessa", concluiu.

João Pinduca Rodrigues



WILLIAM

"Isso é facilmente confirmado ao vermos o estrago que é feito ao longo das estradas"

PESQUISA

Inpa nega que tenha levado advertência

A palestra do biólogo William Laurence, ontem, contou na platéia com a participação de dois representantes do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Esta semana, o ministério desautorizou a pesquisa e ainda se comentou que a direção do Inpa teria recebido uma advertência pelo fato de a pesquisa ter sido divulgada como

produzida pelo instituto, o que também foi negado. O diretor do Inpa, Warwick Kerr, enfatizou que o instituto não tem uma posição oficial sobre o trabalho assinado por oito pesquisadores. "A posição é do pesquisador e podemos estar ou não de acordo conforme os dados que temos", explicou. Kerr disse

que o modelo criado por Laurence apresenta dados que estão passíveis de discussão, como os valores que serão investidos pelo Governo Federal no programa Avança Brasil, um dos pontos-chaves dos índices pessimistas de desmatamento na Amazônia. Segundo ele, há duas versões: uma de que o Governo investiria R\$ 20 bilhões e outra com o dobro deste valor. Os resultados a partir destes números apresentariam grandes variáveis, segundo o diretor. Sobre as críticas do MCT de que a pesquisa seria inconsistente, Kerr disse que o trabalho foi "muito

bem-feito", mas que todo trabalho de futurologia, para usar a expressão do ministério, tem um grau de erros. Ele citou o exemplo de uma pesquisa que apontava o fim da floresta amazônica no ano de 2003. "Como podemos ver, isto não aconteceu", disse. Um dos representantes do MCT, Eloy Garcia, disse apenas que não gosta de tirar conclusões com um único modelo de pesquisa, referindo-se ao modelo apresentado por Laurence e sua equipe que projeta dois cenários para Amazônia com a implantação do projeto Avança Brasil.